

SILÊNCIOS QUE FALAM

FABÍOLA CIRIMBELLI BÚRIGO COSTA - Colégio de Aplicação, UFSC

MARIA CRISTINA DIEDERICHSEN - UFSC

RESUMO

O projeto “(D) Curso: Silêncios que falam”, realizado pelos membros do Grupo de Estudos do Arte na Escola Polo UFSC, objetivou a criação de novas visadas para a vida e a profissionalidade do professor de Arte, poetizando o cotidiano escolar. Leituras referentes à Arte e seu Ensino, reflexões e diálogos subsidiaram a proposta que se constituiu por módulos ministrados pelos participantes do grupo e por acadêmicos e professores de Arte convidados. O projeto possibilitou aos educadores ministrantes e participantes, ocasiões de imersão, espelhamento e desvelamento, e uma potencialização poética de suas existências, de suas relações e do próprio processo de ensinar/aprender. A (trans)formação do professor por ele mesmo, em uma mútua troca de saberes.

Palavras-Chave: formação continuada; ensino da arte; poéticas expressivas.

SOMMAIRE

Le projet ‘(D) Curso: Silêncios que falam’, réalisé par les membres du groupe d’études du ‘Arte na Escola Polo UFSC’, a eu comme objectif la création de nouveaux points de vue sur la vie et l’aspect professionnel du professeur d’art, apportant de la poésie sur le quotidien de l’école. Des lectures sur l’art et son enseignement, des réflexions et des dialogues ont servi de base pour la proposition qui s’est constituée de modules présentés par les participants du groupe, par des élèves et professeurs d’art invités. Le projet a possibilité aux enseignants et aux participants l’occasion d’immersion, de regard sur soi et une potentialité poétique de leurs existences, de leurs rapports et du processus même d’enseigner et d’apprendre. La transformation du professeur par lui même, dans un échange des savoirs.

Mots-clés: Formation continue; enseignement d’art; poétiques expressives.

Escutando os Silêncios

*A linguagem é sempre potência; no espaço da fala, nenhuma inocência,
nenhuma segurança.*

Roland Barthes

Em 2011, a exemplo de anos anteriores, o Grupo de Estudos do Arte na Escola polo UFSCⁱ continuou a pensar e a propor ações de formação continuada, visando ampliar o diálogo com professores de Arte da rede de ensino público de Florianópolis. A experiência com o projeto *Trilhas do Olhar: lugares de aprender arte*, desenvolvido pelo grupo em 2009-10 e apresentada na ANPAP em 2011, traduziu a todos o significado e a importância do grupo e da experiência direta da forma apontada por Larrosa, 2002, "o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca"

Reflexões, diálogos e avaliações potencializaram o Grupoⁱⁱ a realizar um curso que atendesse os professores de Arte, não apenas oferecendo suportes teóricos e conceituais, mas oportunizando ocasiões de imersão, espelhamento, desvelamento, em que os educadores ministrantes e educadores participantes pudessem manifestar-se de forma sensível, criativa e singular, possibilitando uma potencialização poética de suas existências, de suas relações e do próprio processo de ensinar/aprender.

Cientes de que são muitos os desafios dos arte-educadores diante das crises e transformações que atravessam as práticas educativas nas instituições escolares e de que vivemos em um mundo sob risco de desaparecimento, em uma crise ambiental aguda, uma humanidade beirando sua autodestruição, um tempo em que a cultura se transformou profundamente, se tornou uma *cultura-mundo*, uma cultura do *tecnocapitalismo planetário, das indústrias culturais, do consumismo total, das mídias e das redes digitais, (...) transcendendo as fronteiras, reconfigurando o mundo em que vivemos e a civilização por vir.* (LIPOWETSKY, G e SERROY, J, 2011, p.7).

Encontramo-nos em uma situação-problema delicada e extraordinária. Momentos culturais desterritorializados, incertos, plurais, onde o virtual e o real se interpenetram, diferentes olhares se cruzam, múltiplos discursos se tocam e se transformam, tecendo redes instáveis e ondulantes, e a estrutura escolar, no entanto, se mantém, na grande maioria dos casos, rígida, burocrática e conservadora. As condições precárias e de abandono de muitas escolas, os baixíssimos salários pagos aos educadores, a proletarização e desvalorização social dos docentes contribuem para que a profissão docente não seja atrativa. Os afazeres e exigências do dia-a-dia dificultam ao professor momentos de expressão criativa de sua prática artística, o que acaba por gerar ainda mais desmotivação e frustração neste profissional. O professor de Arte vive cotidianamente sob forte tensão e insatisfação, sobretudo no que concerne a sua práxis artística individual. Estes desafios, por outro lado, possibilitam-nos re-pensar os propósitos da escola e do ensino da arte e re-criar novas maneiras de ensinar e aprender, de perceber e estar no mundo.

Compreendendo que nestas redes de significações e incertezas estamos nós e a arte, ela mesma multiplicadora de sentidos e, “uma vez que a obra de arte só se oferece a quem conquista o seu acesso”, (PAREYSON, 1997, p.73) o Grupo optou por realizar o “(D) Curso: silêncios que falam”, partindo do pressuposto que, é a percepção de nossa capacidade criadora e significadora de mundos, de nos fazermos *projetos em construção* (MATURANA, 2005), que nos confere potência. Buscou-se então pensar maneiras de sair do ambiente fechado e entediante de diversas escolas, propiciando agenciamentos, processos de autoria e autopoiese, mudanças nas maneiras habituais de atuação, experiências abertas, suaves e prazerosas que levassem a encontros, transformações e re-encantamentos.



(D) Curso, Silêncios que falam. Fonte: Acervo do Projeto Arte na Escola.

O fato de o Grupo pouco a pouco ir constituindo identidades promovendo autorias, foi fator preponderante de transformações e reecantamentos (ASSMANN, 1999) para muitos participantes. Já não era apenas um grupo que veio para estudar e ampliar conhecimentos, mas um grupo que se constituía autor. Autor nos projetos que promovia em salas de aula, nas possibilidades de desenvolvimentos de pesquisas, na busca de soluções para problemas vivenciados, e principalmente, nas propostas singulares que iam enredando-se nas discussões do Grupo e tornando-se projetos escritos em co-autoria. Autores de novas formas de ser e estar no mundo na relação com o outro, com o Grupo. Autores na possibilidade de serem (trans)formadores na formação.

Ao constituir-se também autor/formador, o professor diferencia-se dos seus pares. Sua satisfação desperta desejos nos outros, imprimindo a possibilidade de estes também virem a ser.

Alguns professores formadores deixam sua marca pela relação prazerosa de quem viveu e gostou de vivenciar a experiência de ser autor/ formador, e, deste foco pode reapreciar e fruir mais intensamente sua produção. Ao considerarem o quanto foi fecundo para si, supõem que também o será para os outros.



(D) Curso, Silêncios que falam. Fonte: Acervo do Projeto Arte na Escola.

O caminho auto-poietico não existe *a priori*, precisa ser inventado de maneira singular e percorre paisagens descontínuas e sinuosas... Implica ser autor do próprio pensamento da própria vida, questionar as maneiras habituais de percepção, formar trajetos nos quais se possa aprender a ler, percorrer e re-criar o mundo. Implica, ao mesmo tempo, reconhecer-se em contato com os outros, fazer parte de uma rede, estar aberto para o que nos circunda, desenvolver posturas de acolhimento, ser coletivo. Mais do que adaptarmo-nos ao nosso nicho-universo somos seus produtores.

Esta construção *auto-poietica* nos possibilita segundo Morin (1995, p.97),

Não ceder diante da intimidação, assumir nosso próprio pensamento (dizer o que temos a dizer e não o que deve ser dito). Leva-nos a unir os segredos da adolescência (suas aspirações profundas) com os segredos da maturidade (a reflexão). (...) Convida-nos a estabelecer um diálogo entra as nossas múltiplas personalidades que se ignoram. Faz com que exercitemos o diálogo com nossos mitos e nossas idéias, sem que nos deixemos possuir inapelavelmente por eles. Lembra-nos que a interpretação está sempre presente no que nos parece objetivo e/ou nos ensina a desconfiar de nossos olhos (...).

Objetivando estreitar a ação entre ministrantes e participantes, decidiu-se organizar o curso a partir de módulos a serem ministrados pelos integrantes que demonstrassem interesse, respeitando as potencialidades de cada um. Para muitos

destes, seria a primeira possibilidade de ministrar disciplinas para professores, o que em muito fortalecia tanto o vínculo com o Grupo de Estudos quanto a sua própria formação.

Considerando suas vivências e experiências e as necessidades dos professores de Arte, o Grupo discutiu quais tópicos seriam abordados no curso, os conteúdos programáticos necessários, optando por uma programação por módulos assim definidos: Escutando o silêncio; Arte relacional; Filosofia da arte; Linguagem visual; A história da arte e a contemporaneidade; A história do ensino da arte; O olhar da imagem; Fazer artístico; Cultura visual e Projetos de trabalho. Estes conteúdos sendo sempre entrelaçados com poéticas artísticas, oportunizando que os ministrantes e participantes dessem vazão à sensibilidade e criassem novas facetas, dinâmicas expressivas.

A proposta era que todos os integrantes se envolvessem com o curso, respeitando seus quereres, saberes e prazeres, demonstrando-se disponíveis, para ministrar, ou não, os módulos. Nos silêncios e ímpetos de desejo, nos convites de pares e trios, os ministrantes foram definindo-se nos módulos. Alguns módulos haviam sido criados visando à participação de professores convidados, contando com a participação, tanto de ministrantes integrantes do Grupo, como de acadêmicos e professores do Centro de Artes da UDESC e do Colégio de Aplicação da UFSC.

Dezenove (19) professoras se inscreveram para o Curso, sendo (18) dezoito da rede municipal e (01) uma da rede estadual. Por proposta e disponibilidade de uma das integrantes do Grupo, o Curso foi filmado, com a autorização devida dos participantes, sendo todos os módulos ministrados, registrados e organizados em DVDs e, ao final do curso, distribuídos a todos os envolvidos.

Novas visadas para a vida e a profissionalidade do professor de Arte

Nosso primeiro passo foi escutar o silêncio, pois um dos aspectos que confere grandeza às vivências artísticas é a sua capacidade para criar silêncios. Um silêncio que não é mudez, confusão, medo, incapacidade para a palavra, mas começa com uma concentração e repousa para além dos hábitos, rotinas, da agitação da mente.

(LARROSA, 2010, p. 47). Um silêncio que nos leva adiante dos condicionamentos culturais e de nossas formas habituais de experimentar a realidade, que nos apequenam, nos despotencializam. O que a arte nos possibilita é reencontrar esteticamente o que já estamos vivendo, mas que ficou na penumbra, privado de consciência e de linguagem, ou ocultado pela consciência e pela linguagem. Experimentamos um máximo desprendimento de nós mesmos, numa atenção retesada até quase o limite que, paradoxalmente, coincide com uma máxima intimidade com nós mesmos.

Considerando a necessidade de fundamentar conceitualmente os professores e ao mesmo tempo, proporcionar-lhes vivências poéticas, criativas e expressivas, uma vez que a

(...) formação permanente dos professores deve supor a constante disponibilidade de uma rede de comunicação, que não deve reduzir-se ao âmbito dos conteúdos acadêmicos, mas, além disso, incluir também os problemas metodológicos, organizacionais, pessoais e sociais que, continuamente misturam-se às situações de magistério. (ESTEVE, 1999, p. 142)

Entendemos que os conteúdos programáticos do “(D) Curso: Silêncios que falam” envolveriam momentos de práxis, propondo seu desenvolvimento por meio de dinâmicas expositivas e dialogadas, trocas de experiências, reflexões e debates, com consultas à internet, uso de DVDs e imagens, visitas a espaços culturais, desenvolvimento de poéticas visuais, individuais e coletivas e, de projetos de trabalho. Em muitos momentos, intervenções foram propostas com o intuito de vivenciar os conceitos apresentados, de forma lúdica e criativa.

Os encontros semanais possuíam uma carga horária de 03 horas e estenderam-se ao longo de cinco meses, entre maio e outubro de 2011, sendo 18 encontros com 54 horas presenciais e 06 horas para elaboração de projeto pedagógico, totalizando 60 horas de curso.

No final do curso, os alunos elaboraram projetos de trabalho, sendo orientados pelos ministrantes, visando sua aplicabilidade nas escolas. Com isso esperávamos estender as ações da formação ao longo do ano seguinte,

favorecendo o envolvimento dos participantes nas relações de projeto de trabalho em suas respectivas escolas.

POETIZANDO O COTIDIANO ESCOLAR

Se por um lado, os professores estão sendo desafiados a lidar com suas dificuldades em transformar as formas de fazer educação, ligadas à reprodução de modelos de competitividade, exclusão, controle, dominação, que caracterizam as práticas econômicas em nossa sociedade; por outro, estão buscando propiciar práticas educativas que se utilizem das novas tecnologias de forma crítica, favorecendo a criação do conhecimento, processos de subjetivação, a promoção de relações solidárias e éticas.

Os conteúdos práticos privilegiaram imersões de caráter expressivo, conjugando ações individuais e em grupo, muitas relacionadas com os conteúdos teóricos, como conceitos de arte contemporânea que foram vivenciados. Tais momentos não objetivaram fornecer metodologias de trabalho em classe, mas sim, possibilitar que o professor escutasse a si mesmo em um fazer artístico singular e sensível.

Nestas ocasiões, os participantes puderam dar vazão a aspectos normalmente negligenciados no dia-a-dia profissional, não oportunizados pelas exigências rotineiras da escola, onde raramente o professor de Arte consegue desenvolver uma poética expressiva própria.

A carência de momentos de imersão criativa vem se somar a tantos outros aspectos responsáveis pelo descontentamento generalizado do professor de Arte. Essa insatisfação docente foi analisada por diversos autores, recebendo a denominação inglesa de Síndrome de Burnot ou mal-estar docente. Esteve (1999) aponta o constante paradoxo em que vive o professor, o qual deve “manter um equilíbrio muito instável em vários terrenos”:

(...) Exige-se do professor que seja um companheiro e amigo dos alunos ou, pelo menos, que se ofereça a eles como um apoio, uma ajuda para seu desenvolvimento pessoal; mas, ao mesmo tempo, exige-se que ele faça uma seleção ao final do curso, na qual, abandonando seu papel de ajuda, deve adotar um julgamento que é contraditório ao anterior. Exige-se do professor que se ocupe do desenvolvimento individual de cada aluno, permitindo o nascimento e a evolução de sua própria autonomia: mas, ao

mesmo tempo, pede-se que ele produza uma integração social, na qual cada indivíduo se acomode às regras do grupo. (...) Muitas vezes o professor vive uma profunda ruptura com a sociedade ou com a instituição educacional em que trabalha; enquanto, pessoalmente, pode discordar da forma com que funciona ou dos valores que promove; mas, ao mesmo tempo, o professor aparece aos olhos do aluno como um representante da sociedade e da instituição. (ESTEVE, 1999, p. 31, 32)

O mal estar docente ou Síndrome de Burnout está associado a diversos fatores que afligem os profissionais da educação, desde as rotineiras e fatigantes exigências a pouca valorização de seu trabalho. Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) apresentam três dimensões da Síndrome de Burnout: a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização pessoal no trabalho.

Para o professor de Arte, muito desta insatisfação advém do fato de não poder exercer uma prática criadora ou ao menos, desfrutar de momentos em que possa fazer uso da Arte de forma pessoal, dando vazão à sua sensibilidade.

A prática educativa, nesta perspectiva, passa a ser entendida como um processo contínuo e dinâmico, um espaço relacional, que se estende ao longo da vida. O conhecimento passa a ser considerado como uma receptiva atividade agudamente atenta a sua própria abertura, a sua própria suscetibilidade, ao seu próprio poder de ser afetada pelas ondulações do campo problemático em que ela compõe suas veredas, suas andanças, suas passagens, seus intervalos.

O conceito de cognição é aqui intensificado e expandido pela criação, que lhe confere dinamismo, potências de devir, gera movimentos, problematiza o que se encontra instituído, expande e surpreende, dobra, redobra e desdobra realidades. (ORLANDI in KASTRUP, 2007, p. 12-13).

Práticas educativas que trabalhem de forma rizomática e multimidiática podem ser agenciadoras destas transformações, dispositivos de superação de procedimentos e enfoques empobrecedores e reducionistas, abrindo caminhos que reverberem com os desejos dos estudantes e adentrem sua sensibilidade, propiciando a construção de diálogos, de ampliações de horizonte, de movimentos de despertar potencialidades adormecidas.

A arte contemporânea é nossa aliada nesta empreitada, pois, diante da sua qualidade de estranhamento, questionamos nossas referências, nossos padrões. Não somos mais os dominadores. Estas obras impõem-se, não se deixam ler, há uma rebeldia na sua presença. Elas nos desnudam, pois problematizam nossa relação com a realidade. Apontam nossos espaços desabitados, as potencialidades não atualizadas em mundos, as ausências advindas dos buracos que as padronizações escavaram em nossos corações. A obra de arte se situa, para Blanchot (1987), no reino obscuro da Noite, ela supõe a mirada do poeta, um sair de si e das pré-determinações do mundo, um ir ao Outro, *o absolutamente Outro, o manancial eterno do fora*. (KONESKY, 2006,p. 50). A concepção blanchotiana da arte pode ser aplicada ao ensino da arte, pois na atual condição de muitas escolas, encontramos este clima de ausência, de desejos que não encontraram condições de constituir-se em mundos. E esse mesmo outro espaço desconhecido, estranho, permeado de ausências e não contaminado com os poderes e suas hostilidades, pode vir a ser o terreno da hospitalidade e do compartilhamento, como supunha Derrida (2004).

CONSIDERAÇÕES SEM FIM...

Diante destes tempos/paradoxos, de espaços/praxis escolares descuidados e fechados, de horizontes culturais fragmentados, em deriva, indefinidamente abertos, pudemos projetar percursos, propor caminhos que, ainda de sentido incerto, propiciaram definidos passos, esboçaram rotas que evitaram demasiados desvios, pudemos propor olhares, que ainda que sempre limitados, não foram limitantes.

Trabalhamos coletivamente a nossa potencialização enquanto professores visando possibilitar também a dos estudantes. Não mais serviçais da fragmentação, do desânimo e do descaso, mas aprendizes da pluralidade, inventores de sensibilidades... Buscamos nos acontecimentos, nas linguagens, nos outros professores, em seus sons, gestos e afagos, confundidos e misturados aos nossos, uma alteridade, impedindo-nos de ficar presos à rigidez de sermos indefinidamente iguais a nós mesmos. Propiciamos condições para que o gesto transgressor da arte contamine as práticas escolares, suavizando sua aridez, dissolvendo preconceitos, escutando silêncios, poetizando suas falas, espacializando seu tempo,

temporalizando seu espaço, fecundando territórios, criando alegrias, espantos e reencantamentos.

Seguimos plantando imagens, pensamentos, *affectus e perceptus*, cores, linhas, formas... E novas paisagens surgem, contando novas histórias, novas poéticas, trazendo novos personagens, novas imagens, que seguirão plantando...

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**. Petrópolis, Vozes: 1999

BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. SP Martins Fontes 2004.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço Literário**. Rio de Janeiro, Rocco: 1987.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo, Graal, 2009.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP. EDUSC, 1999.

KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo**. Belo Horizonte, Autentica 2007.

KONESKI, Anita. A estranha fala da arte contemporânea e o ensino da arte. in **Revista Palindromo**, v1, n. 1. Florianópolis UDESC, 2009.

HERNANDEZ, F. e SANCHO, M.J. **Tecnologias para Transformar a Educação**. Porto Alegre, Artmed: 2006.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Belo Horizonte, Autentica, 2010.

_____. Notas para a experiência e o saber de experiência, in **Revista Brasileira de Educação**, nº 019, ANPED, São Paulo, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles, SERROY, Jean, **A Cultura mundo**, SP, Companhia da Letras, 2011.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

MORIN, Edgard. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo, Cortez: 2002.

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude. **O trabalho docente**. Vozes, Petrópolis, 2005.

Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa

Especialista em Arte-Educação pela UDESC, Mestre em Psicologia pela UFSC. Professora de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFSC. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação Básica e Arte - EBA.

Maria Cristina Diederichsen

Licenciada em Artes Plásticas pela UDESC, Mestranda em Educação pela UFSC. Atuou como professora efetiva da rede municipal de ensino de Florianópolis até 2010.

ⁱ O Programa Arte na Escola - Polo UFSC, coordenado pelo Colégio de Aplicação - CA e Departamento Artístico Cultural - DAC integra a Rede Arte na Escola, uma organização que articula instituições brasileiras de ensino superior (IES), culturais e educacionais com o Instituto Arte na Escola e tem por objetivo qualificar professores de Arte por meio de parcerias locais, reunindo esforços a fim de disponibilizar meios e materiais múltiplos ao ensino de Arte. Presente em diversos estados brasileiros, a Rede Arte na Escola vem desenvolvendo suas ações através dos programas: Educação Continuada, MEDIATECA e Prêmio Escola Cidadã. Como uma de suas ações pontuais, mantém, junto ao Programa de Educação Continuada, Grupos de Estudos que se constituem de distintas formas, de acordo com os diferentes contextos brasileiros, contribuindo com os mais diversos saberes. Devido a estas características e seus processos vivenciados, cada Grupo de Estudo estabelece suas identidades propondo ações peculiares voltadas a seu público.

ⁱⁱ Grupo coordenado pela professora Fabiola Cirimbelli Búrigo Costa, constituído por professores de Arte: Fabiane Patrícia Marquetti, Margareth Borba Rodrigues, M^a Cristina Diederichsen, Rosa Virgínia Rosalino Daitx e Sheila Maddalozzo; educadores: Antônio Felix da Silva; e Eliane Dias de Oliveira; artistas plásticos: M^a Regina Ziegler de Castro, e agentes culturais: Jucélia M^a Alves e Rose Mery de Lima.